

História da Imigração Sírio e Libanesa em Juiz de Fora: Tradições Aculturadas

Juliana Gomes Dornelas
Graduanda – UFJF

Resumo: O presente artigo visa um trabalho que está sendo desenvolvido sobre a imigração sírio e libanesa em Juiz de Fora, no final do século XIX e início do XX. Tem por objetivo apresentar os trabalhos já existentes na cidade sobre o assunto, além de abordar a questão da manutenção da cultura (das tradições sírias e libanesas na cidade). Pois ao imigrar, há um contato com uma nova forma de vida, novas tradições, a qual deverá o imigrante se encaixar, mas não perdendo necessariamente seu aparato cultural original: percebe-se então uma aculturação por parte destes grupos imigrados, e uma circularidade cultural entre sírios e libaneses e brasileiros.

Palavras-Chave: sírios e libaneses, imigração, Juiz de Fora.

INTRODUÇÃO

“Enquanto as cidades barrocas se formam e se guiam pelos sinos das Igrejas, a população de Juiz de Fora teve sua vida normatizada pelos apitos das fábricas de estilo neoclássico e o bater dos tamancos de seus operários de ambos os sexos e diversas nacionalidades”¹.

Assim descreve Christo a prosperidade de Juiz de Fora, sempre à frente de seu tempo. Local onde as indústrias se desenvolveram rápido, devido principalmente aos investimentos advindos do setor cafeeiro, que precisava de produtos que os auxiliassem no campo e que não poderiam produzir.²

Os imigrantes de várias nacionalidades, atraídos por este desenvolvimento, e pela proximidade da cidade com o Rio de Janeiro (onde muitos aportavam), se instalaram na região.³ Há estudos sobre alemães, italianos em Juiz de Fora⁴, mas há uma lacuna no que diz

¹ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “**Europa dos Pobres**”: a belle époque mineira. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1994. p. 10.

² PIRES, Anderson. **Café e Indústria em Juiz de Fora**: uma nota introdutória.

³ BASTOS, Wilson de Lima. **Os sírios em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Edições Paraibuna, 1988.

⁴ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. Imigração e industrialização: alemães e italianos em Juiz de Fora. Tese de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

respeito aos não-europeus, como coreanos, judeus, sírios e libaneses. Na verdade, não é só em Juiz de Fora que ocorre esta deficiência, mas também em todo o Brasil. Como destaca Lesser: *“Os imigrantes não-europeus têm sido ignorados pela historiografia, uma lacuna surpreendente, uma vez que se trata de milhões de pessoas”*.⁵

Completaria o que foi dito por Lesser com o caso dos sírios e libaneses. Estes além de terem imigrado em grande número, são considerados os fundadores do “comércio popular”⁶ (iam para o interior, mascateando muitas vezes à prestação). Em Juiz de Fora fundaram indústrias (principalmente têxteis) e nos trouxeram uma cultura bem diferente da nossa: a árabe. Concluo então que estes imigrantes são importantes o bastante para merecerem um estudo mais aprofundado.

O presente artigo pretende abordar os trabalhos desenvolvidos sobre os sírios e libaneses em Juiz de Fora, apontando suas deficiências e apresentando ao final uma nova forma de pensar a inserção deste grupo na região, através de um estudo sobre cultura e identidade.

1. OS SÍRIOS EM JUIZ DE FORA

Um dos pioneiros no estudo sobre os sírios na cidade é Wilson de Lima Bastos, em seu livro *“Os sírios em Juiz de Fora”*.⁷ O autor destaca que só fez o estudo sobre os sírios, pois os libaneses eram em maior número, e estes seriam objeto de trabalhos futuros, o que não foi realizado pelo autor.

Bastos utiliza-se de relatos orais e da comparação de dados, fazendo levantamento das atividades desenvolvidas pela primeira, segunda e terceira gerações dos sírios e seus descendentes⁸, além de destacar a questão dos casamentos realizados dentro da comunidade e fora desta.

O livro é dividido em três partes: na primeira, o autor faz um breve histórico sobre o grupo analisado; na segunda, relata as entrevistas realizadas com sírios e seus descendentes residentes em Juiz de Fora; e na última faz um estudo quantitativo do que foi analisado na segunda parte, priorizando as profissões e os casamentos.

⁵ LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

⁶ LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. **Identidade étnica e representação política: descendentes de sírios e libaneses no Parlamento Brasileiro, 1945 – 1998**.

⁷ BASTOS, Op. Cit.

⁸ Considero como primeira geração, os primeiros imigrantes que chegaram em Juiz de Fora. E como segunda e terceira, os filhos e netos descendentes da primeira geração, respectivamente.

Na primeira parte, Bastos destaca que os sírios começaram a chegar em Juiz de Fora a partir de 1912, vindos geralmente da região de Yabroud, na Síria. O primeiro trabalho realizado por estes imigrantes na região foi a mascateação, até conseguirem algum dinheiro que investiam em lojas de armarinhos e tecidos, principalmente, e posteriormente em fábricas. O autor destaca que o motivo da imigração destes grupos eram os problemas econômicos e políticos em sua terra natal (sob poder turco desde o século XVI até meados do XIX), e pela imagem que passavam do Brasil no exterior (de país tolerante, de clima bom). Bastos ainda destaca a criação da Igreja Melquita Católica de São Jorge e da fundação do Clube Sírio e Libanês de Juiz de Fora⁹, ambos segundo o autor, frutos do trabalho sírio aplicado na Pátria Brasileira

Na segunda parte, Lima Bastos apresenta as entrevistas realizadas com os sírios e seus descendentes que servem de base para as conclusões realizadas na última parte do livro. O autor destaca que, nos primeiros tempos, a tendência matrimonial era a de realizar casamentos apenas dentro da colônia (talvez pela dificuldade de se integrarem na nova terra, por terem uma cultura muito diferente, dentre outros fatores), mas já na segunda e terceira geração há um avanço do casamento com pessoas de outras nacionalidades, demonstrando, para Bastos, uma assimilação da descendência síria com os padrões culturais e sociais brasileiros. Além disto, ele demonstra que as atividades comerciais estiveram mais presentes na primeira geração. Dessa forma, com os sírios prosperando em seus negócios comerciais, investiram na educação de seus filhos, tendo a maior presença de profissionais ligados à área médica, de engenharia e acadêmica (professores) nas duas últimas gerações analisadas, que ligado ao comércio.

Este trabalho realizado por Bastos é importante pois indica as famílias sírias presentes na cidade, fazendo-nos perceber através de suas análises, questões que nos ajudam a entender a opção profissional, matrimonial, e até o porquê da imigração deste grupo. Mas como todo trabalho inicial, tem deficiências que devem ser ressaltadas para o aprimoramento de estudos futuros. Um ponto a se destacar, é a questão do autor não apresentar famílias sírias que imigraram e que não prosperaram. Dessa forma transmite-se a sensação que todos os imigrantes conseguiram enriquecer, que tiveram boa relação com os brasileiros, que não houve conflitos, nem dificuldades.

Elias Jacob – radicado inicialmente em Ubá, e posteriormente em Juiz de Fora – em sua autobiografia, destaca um exemplo deste fracasso. Seu tio Tanus, que veio ao Brasil deixando a família no Líbano, a fim de enriquecer e voltar, não conseguiu mais que mandar dinheiro para sustentar mulher e filhos.

⁹ As datas de construção dos prédios, são respectivamente, 1965 e década de 60.

*“Tio Tanus, já alquebrado pelos anos e pelas vicissitudes da vida, agora com o término da guerra, manifestava vontade de regressar à sua terra e à sua família. Entretanto, o dinheiro, pouco que era, ele transferira para o seu filho Caram, para sustento deles lá no Líbano. De concreto mesmo, o que lhe restava da liquidação de seus negócios não dava para a passagem de navio. Dessa forma, fizemos uma reunião familiar e decidimos ajudar nosso tio a realizar o seu desejo. Todos colaboraram com esta importância em dinheiro e, dessa forma, reunimos dinheiro suficiente para sua viagem e alguma sobra, naturalmente”.*¹⁰

O exemplo citado por Jacob deve ter sido comum também entre os imigrantes sírios. Casos como este devem ter ocorrido com mais frequência do que destacado por Bastos.

Mas isto não retira o mérito do trabalho realizado por Wilson de Lima Bastos, que foi um dos primeiros a se preocupar em estudar essa nova cultura presente em nosso meio.

2. “SOLIDARIEDADES E CONFLITOS”

Ludmilla Savry de Almeida desenvolveu um estudo sobre os sírios e libaneses em Juiz de Fora. A autora, em seu texto *“Sírios e Libaneses: redes familiares e negócios”*¹¹, faz um panorama geral sobre a chegada dos grupos no Brasil e sua inserção na sociedade juizforana.

Assim como Bastos, Almeida destaca como motivação da vinda para o Brasil as dificuldades econômicas e políticas na terra natal, buscando encontrar aqui melhores condições de vida. Também aponta que eles concentraram-se na mascateação, enquanto atividade provisória, investindo depois em pequenas indústrias têxteis. Além de destacarem que estes imigrantes se instalaram em Juiz de Fora devido a proximidade com a capital (Rio de Janeiro), aos bons transportes (ferrovia Dom Pedro II e Leopoldina Railway) e a presença de muitas fábricas na cidade.

A historiadora destaca que os períodos mais relevantes desta imigração para o Brasil, ocorreu nos períodos de pós-guerras e na década de 1920 (quando estavam sob domínio francês). O número significativo de chegada dos libaneses na cidade foi na última década do século XIX. E os sírios começaram a se fixar em Juiz de Fora em 1913 aproximadamente.

Savry Almeida demonstra que estes imigrantes se estabeleciam no centro do comércio da cidade, próximos às linhas férreas, e moravam nos fundos de suas lojas. Concentrando-se principalmente na rua Marechal Deodoro.

¹⁰ JACOB, Elias. **Pelos caminhos da vida**. s. n. b. p.141

¹¹ ALMEIDA, Ludmilla Savry de. *Sírios e Libaneses: redes familiares e negócios*. In: BORGES, Célia Maia Borges (org.). **Solidariedades e Conflitos: história de vida e trajetória de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2000.

Com relação às alternativas matrimoniais e profissionais, também se aproxima de Bastos. Destaca que a primeira geração de sírios e libaneses casou-se com pessoas de dentro da colônia. Já a segunda e terceira gerações realizam mais casamentos inter-grupais. No ramo profissional demonstra que as segundas e terceiras gerações dedicaram-se mais as profissões liberais, nas áreas de engenharia e medicina, que comerciais.

Uma importante contribuição da autora diz respeito à sua análise sobre os conflitos opondo os sírios e libaneses aos moradores da cidade. Um dos pontos destacados é a questão do embate existente entre os comerciantes e os mascates. Este conflito teria como causa a mascateação destes imigrantes que estariam concorrendo com o comércio local, o que não agradava aos donos de casas comerciais. Outro ponto é a questão da criminalidade. A historiadora demonstra que na maioria das vezes, sírios e libaneses eram vítimas de furto ou roubo. Havia também delitos de lesão corporal decorrentes de conflitos envolvendo assuntos financeiros e comerciais entre os imigrantes. Um exemplo extremo destes conflitos foi o de um crime de latrocínio (roubo seguido de morte), cometido por dois militares contra um comerciante¹² :

“...dois militares brasileiros que, numa madrugada de 1936, ao saírem do quartel, foram jogar cartas no estabelecimento . Quando de lá saíram para dar uma volta, provavelmente embriagados, começaram a enumerar as dificuldades econômicas pelas quais passavam. Eles resolveram então voltar e roubar a venda, mas, além de roubo, acabaram por matar o comerciante a machadadas na nuca”¹³

Aborda também as solidariedades entre eles, que formavam uma rede de apoio para os recém-chegados na cidade e para se ajudarem mutuamente, em casos de urgência, como as enchentes, muito presentes em suas vidas.

Por fim, Almeida destaca como elementos reafirmadores da identidade síria e libanesa a Igreja Melquita Católica de São Jorge e a Igreja Nossa Senhora do Líbano, respectivamente, e o Clube Sírio e Libanês de Juiz de Fora.

Este trabalho realizado por Almeida é inovador, pois faz um estudo mais aprofundado, demonstrando elementos não só de harmonia, mas também de conflitos. Sendo importante para os pesquisadores da área.

¹² A autora não deixa claro qual a nacionalidade do comerciante em questão.

¹³ ALMEIDA, op. cit. p.204

3. “DESTINO ÁRABE TECIDO POR INSTINTO MASCATE”¹⁴

No ano de 2000, foram comemorados os 150 anos da cidade . Em virtude deste fato, a *Tribuna de Minas* publicou uma revista comemorativa em maio de 2000, na qual foram destacadas as diferentes correntes de imigrantes que se estabeleceram na cidade. Com relação aos imigrantes sírios e libaneses , utilizou-se principalmente de entrevistas com os descendentes deste grupo.

Ao longo do artigo a autora, Isabel Pequeno, destaca os sírios e libaneses como povo trabalhador, que imigraram por conta própria. O primeiro sírio a chegar em Juiz de Fora teria sido Nemam Salomão, no ano de 1913; e o primeiro libanês foi Salim Nicolau, em 1894.

Pequeno, destaca questão da mudança de seus nomes para o português, com grafia mais próxima o possível do original, devido a decretos estabelecidos pelo governo brasileiro, a fim de facilitar a identificações destes quando de perseguições políticas, e para melhor se adaptarem na sociedade, sem serem chamados preconceituosamente de turcos. Jeffrey Lesser¹⁵ destaca o assunto. Segundo o autor, os imigrantes também foram criticados e muitas vezes a polícia queria barrar sua entrada no país sob alegação de que estes trariam o ócio e a vagabundagem. Os imigrantes reagiram de duas formas: insistindo que a etnicidade árabe-brasileira era um fato positivo ou minimizando o reconhecimento público de sua identidade, mudando o nome para o português, mais por medo de serem reconhecidos, que para facilitar a pronúncia. Desse modo:

“...era comum a criação de nomes brasileiros que possuíam vínculos ocultos com os nomes originais. Esse código, a que toda a comunidade tinha acesso, significava que Taufil se transformava em Teófilo, Fauzi, em Fausto, e Mohamad, em Manuel”¹⁶.

Um outro fato que o artigo da revista relata é a catastrófica enchente de 1940, que alagou grande parte da cidade, e que arrasou as lojas dos sírios e libaneses, que se localizavam na parte baixa da rua Marechal Deodoro. Mounira Haddad Rahme lembra-se do tio vendendo tecidos encharcados pela metade do preço:

“... as pessoas voltavam para procurar o pano molhado. Como já tinha acabado, eles molharam o resto do estoque e conseguiram vender tudo”.¹⁷

¹⁴ PEQUENO, Isabel. Destino árabe tecido por instinto mascate. **Imigrantes 150 Anos:** Edição Comemorativa dos 150 Anos de Juiz de Fora. Juiz de Fora: Tribuna de Minas, 31 de maio de 2000, p. 30-41

¹⁵ LESSER, Jeffrey. Op. Cit. P. 101

¹⁶ Idem, p. 102.

Paulino de Oliveira nos deixou uma idéia da dimensão desta enchente:

*“Mais uma vez o Paraibuna transborda em 1940, ocasionando desta feita, justamente na véspera de Natal a maior calamidade de que há notícias nos anais da cidade, além de prejuízos calculados e algumas dezenas de contos de reis. Muito sofreram o comércio e a indústria localizados na parte baixa da urbe tendo, entre elas vários casebres e cafúas, nos quais residiam 250 famílias”.*¹⁷

Este artigo é importante principalmente para o grande público , pelo fato de ter sido produzido por um jornal, veículo com maior acesso à sociedade. Como historiadora, destaco a importância de sermos objetivos frente a este tipo de material, pois por se tratar de uma revista ela pode ser tendenciosa ao tratar sobre estes imigrantes, não explicitando os conflitos existentes.

4. IDENTIDADE E CULTURA

*“...somos sempre estrangeiros
com relação a algo ou alguém”.
(Carlo Ginzburg)*¹⁹

Depois de apresentados os trabalhos existentes sobre os sírios e libaneses em Juiz de Fora, meu objetivo agora é propor uma nova forma de estudar o assunto, desenvolvendo uma análise sobre a questão da cultura e identidade destes grupos não-europeus, e sua inserção na sociedade, na tentativa de demonstrar que estes ao imigrarem, não perderam sua cultura pré-imigratória , mas também não a deixaram pura.

Por cultura entendo ser uma:

“forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações, e aos atores

¹⁷ PEQUENO, Isabel. Op. Cit. p . 34

¹⁸ OLIVEIRA, Paulino de. A enchente de 1940. In: **História de Juiz de Fora**. 2ª ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966. p. 287.

¹⁹ GINZBURG, apud. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.60.

*sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa”.*²⁰

A imigração de não-europeus para o Brasil, no fim do século XIX e durante o século XX, incitou nas elites o início de um complexo debate sobre a identidade brasileira. A questão central era a de que se os não-europeus e não-africanos poderiam ser considerados brancos e inseridos na sociedade brasileira.²¹ Segundo Jeffrey Lesser:

*“... foram os 400 mil asiáticos, árabes e judeus, considerados não-brancos, não-pretos, que mais puseram em xeque as idéias da elite sobre a identidade nacional”.*²²

Os imigrantes sírios e libaneses não deixaram de participar deste debate. Eles discutiam o assunto a fim de criar uma identidade sírio e libanesa incorporada à nação brasileira, tentando demonstrar como a etnicidade árabe poderia transformar a identidade cultural, econômica e social do Brasil. Os imigrantes libaneses, por exemplo, sugeriam:

*“que a etnicidade libanesa não se ligava a um lugar, mas a uma pessoa, permitindo assim, que os imigrantes libaneses fossem facilmente incorporados à identidade nacional brasileira”.*²³

Os representantes brasileiros assumiam a importância destes imigrantes no desenvolvimento econômico do país, mas só reclamavam de os sírios e libaneses não aceitarem plenamente a cultura brasileira, não se assimilarem.

Neste ponto reside o cerne da questão. É um fato extremamente difícil encontrar um imigrado que perdeu totalmente sua cultura original. Por mais que ele tenha adquirido muito do modo de vida da nova terra, ainda guarda elementos de sua identidade anterior.

A situação de chegar a um país com valores totalmente diferentes (ocidentais) faz com que esses imigrantes orientais busquem se situar como pertencentes a uma cultura e identidade própria. Como destaca Pesavento:

*“Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. A identidade é uma construção do imaginário que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença”.*²⁴

²⁰ PESAVENTO, op. cit. p.15

²¹ LESSER, op. cit. P. 70

²² idem, p. 25

²³ idem, p. 109

²⁴ PESAVENTO, op. cit. p.89

Isso explica muitas vezes as decisões tomadas pelos sírios e libaneses em Juiz de Fora e em todo o Brasil, de sempre ajudar seus conterrâneos, organizar toda uma rede de solidariedade para dar assistência aos que estão chegando, praticar suas religiões, festas, etc. É uma manutenção de uma cultura pré-imigratória e de uma identidade anterior, mas inserida num novo mundo.

Lesser destaca que estes imigrantes não-europeus e não-pretos, construíram e usaram etnicidades múltiplas, e não apenas uma:

“A assimilação (na qual a cultura pré-imigratória da pessoa desaparece por completo) foi um fenômeno raro, enquanto a aculturação (a modificação de uma cultura em resultado de outra) foi comum”.²⁵

Essa separação dos conceitos de aculturação e assimilação, feita por Lesser, é de fundamental importância para demonstrar que o projeto das elites brasileiras de assimilação total, não só dos sírios e libaneses, mas também de coreanos, judeus não era possível, já que era mais comum a aculturação – uma certa modificação da cultura original.

Juiz de Fora destaca-se como exemplo deste fato. Na cidade são encontrados reflexos da manutenção desta cultura pré-imigratória. Dessa forma, considero a presença da Igreja Melquita Católica de São Jorge um exemplo desta aculturação, pois aos domingos, a missa é rezada em árabe, grego e português²⁶, permitindo assim a integração de todos os fiéis. Além desta igreja, de igual importância é o Clube Sírio e Libanês de Juiz de Fora, local de encontro destes descendentes, no qual muitas das suas tradições são revividas. Segundo Mounira Haddad Rahme:

“A gente dança o dabke e a dança do ventre com músicas árabes tradicionais ao som do violino, alude e derbak (tipo de tambor), tocados por um conjunto de São Paulo. Também fazemos questão de preparar o jantar com pratos típicos. Alguns levam o narguile (ou narguilé, acessório para o fumo)”.²⁷

Outro exemplo a ser destacado sobre a manutenção de uma cultura pré-imigratória é o senhor Massaud Slayman Chahar, um libanês que *“Não deixa de lado as raízes presentes em cada detalhe na decoração de sua casa, referência a sua moradia em Deir el Qamar”*.²⁸

²⁵ LESSER, op. cit. P. 22

²⁶ PEQUENO, Isabel, op. cit. p.36

²⁷ Ibidem, p. 36

²⁸ Ibidem, p. 34

Outro ponto importante a ser destacado é o fato que não só os sírios e libaneses se aculturaram. Nós brasileiros também aprendemos e inserimos em nossa cultura, muitas das práticas árabes. O exemplo maior desta interação é a culinária. Atualmente está cada vez mais presente em nosso cotidiano salgados como esfiha, quibe (bem temperado, cru ou frito), comuns aos sírios e libaneses. Uma espécie de uma “circularidade cultural”²⁹, mas não entre uma cultura da elite e uma cultura popular, como destaca Ginzburg, mas entre dois povos, de culturas diferentes, que ao se encontrarem, se aculturaram, formando não uma identidade única, mas múltiplas.

Lesser³⁰ destaca um ponto que vem corroborar minha opinião. Segundo o autor a identidade tratada como formação de um grupo único nacional não ocorreu no Brasil. Criou-se na verdade diferentes identidades multiculturais. Isto é presente em nosso meio de forma clara, pois com a imensidão do território brasileiro, mineiros são diferentes de alagoanos, que são diferentes dos catarinenses, e assim por diante. Ou seja, as únicas coisas que nos unificam realmente são o hino e a bandeira nacional, e o idioma, representando o sentimento de pertencer à nação.

CONCLUSÃO

Como procurei demonstrar os trabalhos sobre os sírios e libaneses em Juiz de Fora são poucos, mas já contribuem pelo fato de trilharem os caminhos traçados pelo grupo na cidade.

Porém, há muito mais a ser discutido e a ser descoberto, principalmente a questão da cultura e identidade sírio e libanesa dentro da nação brasileira. Como estes imigrantes forjaram esta identidade? Eles debatiam o assunto com as autoridades? Eles foram assimilados ou apenas aculturados? Lesser³¹ já respondeu estas perguntas no que diz respeito aos grupos não-europeus presentes em todo Brasil. Falta um estudo para Juiz de Fora, um recorte regional, que bem conduzido contribuirá para fazer análises e comparações com outros trabalhos, demonstrando particularidades do caso e permitindo um estudo mais aprofundado.

É o que pretendo analisar em trabalhos futuros, no qual buscarei perceber se houve ou não uma manutenção de uma cultura pré-imigratória e como os sírios e libaneses conseguiram

²⁹ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁰ LESSER, op. cit. p. 300.

³¹ LESSER, Op.cit.

conciliar tradições tão distintas. Para tanto, basearei minha pesquisa em depoimentos de história oral, principalmente realizados com descendentes destes imigrantes.